

# ***IPES*** Texto para Discussão

Publicação do Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais

## As alterações do mercado de trabalho na indústria de transformação em Caxias do Sul após a crise financeira de 2008

Adalberto Ayjara Dornelles Filho - CCET-UCS  
David Gustavo Dalponte - Observatório do Trabalho-UCS  
Lodonha Maria Portela Coimbra Soares - CECI-UCS  
Luciane Sgarbi S. Grazziotin – CEFE-UCS  
Moisés Waismann – CECI-UCS  
Natalia Pietra Méndez - CECH-UCS  
Vânia Beatriz Merlotti Herédia - CECH-UCS

Julho de 2009

Texto nº 034



CENTRO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, CONTÁBEIS  
E COMÉRCIO INTERNACIONAL

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS E SOCIAIS

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

**REITOR**

Prof. Isidoro Zorzi

**VICE-REITOR**

Prof. José Carlos Avino

**PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Prof. José Clemente Pozenato

**CENTRO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, CONTÁBEIS, E COMÉRCIO  
INTERNACIONAL**

Profª Maria Carolina Rosa Gullo

**INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS E SOCIAIS**

Prof Divanildo Triches

**PROFESSORES PESQUISADORES**

Divanildo Triches

Enrique Pereira de Almeida

Wilson Luís Caldart

**AUXILIARES DE PESQUISA**

Marli Teresinha Giani

**TEXTO PARA DISCUSSÃO**

Publicação do Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais e do Centro de Ciências Econômicas, Contábeis e Comércio Internacional da Universidade de Caxias do Sul, para divulgar, em versão preliminar, a produção científica e acadêmica de professores, alunos e, também, trabalhos apresentados em seminários e estudos feitos por pesquisadores e convidados de outras instituições.

**ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA**

Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais

Centro de Ciências Econômicas, Contábeis e Comércio Internacional

Universidade de Caxias do Sul

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – 95070-560, Caxias do Sul – RS

ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95201-972, Bloco J – Sala 401

Telefone/ Fax (54) 3218 22 43

<http://www.ucs.br/ucs/institutos/ipes/publicacoes>

<http://www.ucs.br>

## As alterações do mercado de trabalho na indústria de transformação em Caxias do Sul após a crise financeira de 2008<sup>1</sup>

Versão 02.07.2009

**Adalberto Ayjara Dornelles Filho<sup>2</sup>**  
**David Gustavo Dalponte<sup>3</sup>**  
**Lodonha Maria Portela Coimbra Soares<sup>4</sup>**  
**Luciane Sgarbi S. Grazziotin<sup>5</sup>**  
**Moisés Waismann<sup>6</sup>**  
**Natália Pietra Méndez<sup>7</sup>**  
**Vânia Beatriz Merlotti Herédia<sup>8</sup>**

### RESUMO

No sistema econômico vigente, está implícito o desejo de acumulação de capital por parte dos capitalistas. E disso depende o funcionamento do sistema. As crises surgem no sistema quando ocorre o bloqueio da acumulação. Os capitalistas passam a trocar mercadorias não mais por mercadorias, mas por dinheiro ou crédito. A crise econômica desencadeada no final de 2008 nos Estados Unidos aponta não ser uma crise pontual e o contágio no mundo globalizado foi iminente. Nesse contexto, a pesquisa realizada parte justamente de uma análise dessa crise, iniciou em setembro de 2008 e tem por objetivo verificar o que ocorreu no mundo do trabalho, após a crise financeira, especialmente no setor da indústria de transformação no Município de Caxias do Sul. Para tanto foram utilizados os dados disponibilizados pelo sistema Rais/Caged do MTE, no sentido de analisar as possíveis transformações na qualidade dos novos postos de trabalho. Observou-se que, de fato, as alterações foram não somente quantitativas, mas também foram qualitativas, ou seja, pode-se afirmar que houve mudança no perfil dos novos postos de trabalho em Caxias do Sul.

**Palavras-Chave:** Crise Financeira, mercado de trabalho, indústria da transformação, Caxias do Sul .

**Title:** *Changes in the labor market in the manufacturing industry in Caxias do Sul after the 2008 financial crisis*

### ABSTRACT

In our present economic system, the desire for capital accumulation is implicit on behalf of the capitalists. And on this desire depends on the performance of the system. Crisis

---

<sup>1</sup> Este artigo foi produzido pelos professores-pesquisadores do Observatório do Trabalho da Universidade de Caxias do Sul.

<sup>2</sup> Professor de Matemática e Estatística, Mestre em Matemática Aplicada Computacional – UFRGS E-mail: [aadornef@ucs.br](mailto:aadornef@ucs.br)

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Ciências Econômicas-UCS; Bolsista do Observatório do Trabalho via convênio com a Prefeitura Municipal de Caxias do Sul. E-mail [dgdalpon@ucs.br](mailto:dgdalpon@ucs.br)

<sup>4</sup> Professora do Curso de Ciências Econômicas, Mestre em Ciência e Tecnologia – UFRGS. E-mail: [lmpecoar@ucs.br](mailto:lmpecoar@ucs.br)

<sup>5</sup> Professora no Curso de Pedagogia e Professora colaboradora do Mestrado em Educação da Universidade de Caxias do Sul, Doutora em Educação – PUCRS. E-mail: [lssgraz1@ucs.br](mailto:lssgraz1@ucs.br)

<sup>6</sup> Professor no Curso de Ciências Econômicas, Mestre em Gestão de Agronegócios – UFRGS e Doutorando em Educação – UNISINOS. E-mail: [mwaisman@ucs.br](mailto:mwaisman@ucs.br)

<sup>7</sup> Professora no Curso de História, Doutora em História - UFRGS. E-mail : [npmendez@ucs.br](mailto:npmendez@ucs.br)

<sup>8</sup> Professora do Centro de Ciências Humanas, Doutora em História - Universidade de Pádova. E-mail: [ybmhered@ucs.br](mailto:ybmhered@ucs.br)

emerge in the system when the accumulation process is interrupted. Capitalists, then, start to trade goods, not for goods anymore, but for credit or money. The financial crisis that started by the end of 2008 in the United States of America appears not to be just a single located event, and its effects on a globalized world were imminent. In this context, this research began with an analysis of this crisis, which peaked in September of 2008, and it targets to investigate what has happened in the world of labor after the financial crisis, particularly in the manufacturing industry of the city of Caxias do Sul. In order to analyze the possible changes in quality of the new jobs, it was made use of the data available by the RAIS/CAGED System of the MTE. It was verified that, in fact, the changes were not only quantitative but also qualitative, that is, it can be stated that there were changes in the profile required for these new jobs in Caxias do Sul.

**Keywords:** Technique analysis, stockholdings. Ibovespa. theoretical portfolio. mobile averages, capital market.

*JEL Classification: J10, J20, J21*

## **1 Introdução**

Nas últimas décadas do século XX, o sistema capitalista passou por mudanças que resultaram na chamada globalização econômica. Essa fase se caracteriza pela mudança dos sistemas de produção, e vários países se destacam no cenário econômico mundial. No sistema capitalista existe o desejo de acumular, o que faz parte da própria lógica do sistema. O funcionamento do sistema, por seu turno, depende dessa possibilidade. Os capitalistas se empenham em realizar novas inversões, em cada período, para enfrentar a concorrência. As crises surgem porque mercadorias não são mais trocadas por mercadorias, mas por dinheiro ou crédito. Por conseguinte, podem ocorrer crises bloqueando a acumulação.

A crise econômica desencadeada no final de 2008 nos Estados Unidos, não é pontual mas parte de um processo de perda da hegemonia econômica desta nação. A pesquisa realizada tem como ponto de partida uma análise dessa crise. Nesse contexto, o presente estudo tem por objetivo verificar seus efeitos no mundo do trabalho, especialmente no setor da indústria de transformação no Município de Caxias do Sul, analisando, ainda, as possíveis transformações qualitativas nos postos de trabalho. Para tanto, foram utilizados os dados disponibilizados pelo sistema RAIS/CAGED do Ministério do Trabalho e Emprego, além de referenciais teóricos sobre o tema.

O artigo está organizado, além da introdução, como segue: na seção 2, faz-se uma caracterização do capitalismo globalizado; a seção 3 trata das crises do sistema capitalista; na seção 4, elabora-se um relato sobre a origem da crise nos Estados Unidos; na seção 5, caracterizam-se e analisam-se os efeitos da crise nos postos de trabalho vinculados à indústria

de transformação do Município de Caxias do Sul; por último, na seção 6, são apresentadas as considerações finais.

## **2 Breve caracterização do capitalismo globalizado**

Nas últimas décadas do século XX, o sistema capitalista passou por mudanças que resultaram na chamada globalização econômica, também compreendida como a fase de implementação de um padrão neoliberal. No final da década de 1980, alguns teóricos apontavam para a emergência de mudanças profundas nas estruturas produtivas, resultantes de uma nova divisão internacional do trabalho e da flexibilização do modelo de produção fordista-taylorista:

Froebel, Heinrichs e Kreye (1980) foram provavelmente os primeiros a falar, no início da década de oitenta, da emergência de uma nova divisão internacional do trabalho, baseada na globalização da produção levada a cabo pelas empresas multinacionais, gradualmente convertidas em atores centrais da nova economia mundial. Os traços principais desta nova economia mundial são os seguintes: economia dominada pelo sistema financeiro e pelo investimento em escala global; processo de produção flexíveis e multilocais; baixos custos de transporte; revolução nas tecnologias da informação e de comunicação; desregulação das economias nacionais; preeminência das agências financeiras multilaterais; emergência de três grandes capitalismos transnacionais: o americano, baseado nos EUA e nas relações privilegiadas deste país com o Canadá, o México e a América Latina; o japonês, baseado no Japão e nas suas relações privilegiadas com os quatro pequenos tigres e com o resto da Ásia; e o europeu, baseado na União Européia e nas relações privilegiadas desta com a Europa de Leste e com o Norte de África. (SANTOS, 2005, p. 29)

Dentro dessa nova divisão internacional do trabalho, observa-se o fenômeno da descentralização da hegemonia econômica e militar do mundo capitalista, que, durante a ordem mundial anterior ao fim da Guerra Fria, havia permanecido sob a égide dos Estados Unidos. Parte dessa visão é defendida por Wallerstein quando aponta que, a partir dos anos de 1970, houve uma crise da hegemonia norte-americana. De acordo com o autor:

Por volta de 1970, os Estados Unidos haviam chegado ao apogeu e ao limite de seu poder. A diminuição de suas reservas de ouro forçou o país a abandonar a paridade fixa ouro-dólar. O crescimento econômico da Europa e do Japão fora tamanho que agora estes países alcançavam e começavam a superar os níveis de produtividade norte-americanos, no exato momento em que a fase Kondratieff B se iniciava. Isto é, a expansão global da produção em si era a causa principal da virada recessiva. [...] (WALLERSTEIN, 2002, p. 24).

Assim, para Wallerstein (2002) a economia mundial saiu de uma fase de - unipolaridade - comandada pelos EUA, com base em uma vantagem da sua produtividade - econômica - e ingressou em uma era pós-hegemônica, salientando que diversos países possuem uma grande concentração de riqueza. Diante do exposto, é possível inferir que a

crise econômica desencadeada no final de 2008 nos Estados Unidos seja, mais do que uma crise pontual, parte desse processo de perda da hegemonia econômica por este país.

No entanto, para compreender melhor o significado dessa crise no contexto mais amplo do sistema, é necessário fazer, brevemente, uma caracterização das principais mudanças que configuraram a chamada globalização. O que se pretende observar é que existe uma tendência a crises de alcance mundial dentro do capitalismo globalizado. Com a crescente flexibilização das barreiras comerciais e com a livre circulação de capitais, instala-se um nível extremo de concorrência, agravado pela opção dos Estados nacionais que aderiram ao neoliberalismo pela diminuição de seus papéis como regulamentadores da economia.

Santos (2005) cita o sociólogo Giddens que define a globalização como “a intensificação de relações sociais mundiais que unem localidades distantes de tal modo que os acontecimentos locais são condicionados por eventos que acontecem a muitas milhas de distância e vice-versa”. (GIDDENS, 1990, p. 64) Assim, o sistema estaria finalmente organizado de forma mundial, o que implica em uma interdependência em todos os aspectos da organização social. Todavia, Santos destaca que a globalização está distante de ser consensual. Ela abriga uma intensa gama de conflitos entre grupos sociais, Estados e interesses hegemônicos, por um lado, e grupos sociais, Estados e interesses subalternos, por outro (SANTOS, 2005).

Embora se observe que o capitalismo surge dentro de uma perspectiva de expansionismo mundial, é notório que o processo de globalização representa uma fase do desenvolvimento capitalista com suas especificidades. São características dessa etapa a diminuição do papel dos Estados nacionais, como reguladores da economia e a subordinação destes às agências multilaterais. Em consequência, assiste-se a uma flexibilização das barreiras alfandegárias, a um incremento na circulação de bens, mercadorias e finanças, a uma hipertrofia do capital financeiro em detrimento do capital produtivo:

As medidas voltadas para a desregulação financeira possibilitaram condições muito mais satisfatórias à valorização financeira do capital, em detrimento de investimentos produtivos. Um exemplo da limitação do crescimento sustentado são os fluxos financeiros mundiais, que correspondem hoje a aproximadamente 78 vezes a quantidade de recursos investidos produtivamente. Em 1971, a relação era de 15 vezes. (POCHMANN, 2002, p. 16)

Pochmann (2002) aponta que a globalização foi fruto de uma nova Divisão Internacional do Trabalho que entrou em curso ainda nos anos de 1970, mediante de uma reestruturação empresarial acompanhado da maturação de uma nova Revolução Tecnológica. Na década de 1980, houve uma mudança de processos globais de acumulação de capital,

coordenada por grandes corporações transnacionais, que buscam incessantemente explorar novas oportunidades mais lucrativas de investimentos (POCHMANN, 2007)

Wallerstein explica o funcionamento dessa divisão internacional do trabalho como uma necessidade para garantir – a certas regiões do mundo – uma possibilidade de maior acumulação:

A economia internacional capitalista é um sistema que envolve uma desigualdade hierárquica na distribuição, baseada na concentração de certos tipos de produção (relativamente monopólica e de elevada lucratividade) em certas zonas limitadas, que desse modo e em consequência disso se tornam os pontos de maior acumulação de capital. [...] No entanto, como os monopólios são inerentemente frágeis, tem havido uma realocização constante, intermitente e ilimitada, embora significativa, desses núcleos de concentração ao longo de toda a história do sistema internacional moderno. (WALLERSTEIN, 2002, p 36. ).

O movimento de divisão desigual do trabalho e da riqueza pode ser observado de modo mais visível nos países periféricos, Estabelecendo uma metáfora, o sistema capitalista global funciona como uma corrente, na qual todos os países seriam representados por elos. Contudo, os países do capitalismo central – localizados principalmente no hemisfério norte – funcionam como os elos fortes dessa corrente, enquanto os países subdesenvolvidos são os elos frágeis desse sistema. Desse modo, as mudanças vinculadas à reestruturação produtiva e aos novos padrões do mercado de trabalho tiveram efeitos mais perversos nos países cuja economia é periférica, como é o caso do Brasil. Conforme Pochmann (2002), desde o início dos anos de 1980, o mercado de trabalho brasileiro vem se tornando menos estruturado.

A partir dos anos 80, observou-se uma desaceleração na queda do número das ocupações no setor primário da economia, enquanto o setor secundário deixou de apresentar maior contribuição relativa no total das ocupações. Um inchamento do setor terciário ocorreu, ao mesmo tempo em que o desemprego tornava-se maior e mais precárias eram as ocupações geradas. Em consequência, o setor secundário apresentou, em 1995, uma participação relativa na ocupação total não muito diferente da verificada no início dos anos 70. [...]. Assim, embora o país tenha deixado de expandir o nível de assalariamento da População Economicamente Ativa, não houve evolução negativa dos empregos assalariados. Estes cresceram praticamente à mesma taxa anual de variação da PEA (2,8%), permitindo, pelo menos, a manutenção da taxa de assalariamento no decorrer dos anos 80. (POCHMANN, 2002, p.71-7 )

O deslocamento da mão-de-obra do setor industrial e agrícola para o setor terciário pode ser compreendido como resultado da reestruturação produtiva: a transição de um tipo de produção fordista-taylorista para um modelo toyotista. As novas regras da produção utilizam alta tecnologia e um número mais reduzido de trabalhadores que se caracterizam pela maleabilidade, ou seja, a capacidade de exercer diferentes funções dentro da empresa. Ao invés da produção em grande escala, há uma produção focada a atender à demanda existente no mercado. Essas novas características redimensionaram as relações produtivas, exigindo

adaptações para a intensa competitividade gerada pelos novos padrões de qualidade na produção e a redução de custos. As políticas de ajuste tiveram como consequência crise no emprego, representada pelos números crescentes de desempregados, tanto nos países desenvolvidos quanto naqueles de economia periférica. Entretanto, os dados demonstram que a tendência mundial ao desemprego tem sido maior nos países não desenvolvidos, como demonstra o estudo de Pochmann:

Em 1999, o volume de trabalhadores desempregados nos 141 países pesquisados foi estimado em 138 milhões de pessoas, enquanto, em 1975, 37,8 milhões de pessoas formavam parte do excedente estrutural de mão-de-obra. Nesses últimos 24 anos, o volume de desempregados no mundo foi multiplicado 3,65 vezes. Para os países desenvolvidos, a quantidade de pessoas excedentes foi aumentada em 1,85 vezes, pois passou de 15,4 milhões de trabalhadores desempregos em 1975 para 28,5 milhões em 1999. Nas nações não-desenvolvidas, o volume de desempregados passou de 22,3 milhões de pessoas em 1975 para 109,5 milhões em 1999, o que equivaleu ao aumento de 4,9 vezes. (POCHMANN, 2007, p. 86 ).

As análises dos reflexos da globalização no mundo do trabalho apontam para um decréscimo do emprego vinculado ao setor produtivo. Essa situação encontra agravantes em momentos de crise mundial, devido à desaceleração da produção industrial. Para analisar os efeitos da crise mundial na região de Caxias do Sul, é preciso levar em conta duas questões. Primeiramente, a inserção do Brasil no capitalismo e os reflexos no mundo do trabalho. Em segundo lugar, a relação de Caxias do Sul com o Brasil, tendo em vista que esta representa um importante pólo industrial, com inserção no mercado mundial.

Antes, porém, de passar para uma análise dos dados e indicadores que permitam fazer um mapeamento dos efeitos da crise mundial de 2008 em Caxias do Sul, caberia discorrer sobre o significado do termo crise dentro do contexto de funcionamento do sistema capitalista.

### **3 Crises do Sistema Capitalista**

Como já foi apontado, a necessidade de acumulação é inerente ao capitalismo, assim como as suas crises, decorrentes do fato de que mercadorias não são mais trocadas por mercadorias, mas por dinheiro ou crédito. (SOUZA, 1993). Para explicar esse movimento, a ciência econômica possui uma teoria dos ciclos econômicos. Segundo essa teoria, a sucessão de estados de crescimento, estagnação e queda, até um novo período de crescimento, constitui um ciclo econômico.

Os ciclos econômicos são flutuações periódicas e alternadas de expansão e contração de toda atividade econômica (industrial, agrícola e comercial) de um país ou de um conjunto

de países. Um ciclo típico consiste num período de expansão econômica, seguido de uma recessão, de um período de depressão e um novo movimento ascendente ou de recuperação. A duração dos ciclos econômicos, que poderia servir para se ter ideia do estado em que a economia de um país se encontra, é variável. (SOUZA, 1993) A economia é influenciada por ondas de pessimismo e de otimismo.

Existem três tipos de ciclos. Os denominados ondas longas são os ciclos de Kondratiev, cuja duração estaria em torno de 50 a 60 anos de ascensão ou declínio da economia mundial. Os ciclos de Julgar teriam uma duração de seis a dez anos, de forma que um ciclo de Kondratiev, comporta aproximadamente seis ciclos de Julgar. Os ciclos de Khintchin ou de estoques, duram 3 anos; assim, durante uma onda longa (Kondratiev) têm-se 18 períodos curtos de crescimento e retração da economia. Normalmente, a intensidade dos movimentos provocados por estes ciclos não é a mesma. Os mais longos apresentam maior intensidade.

As teorias dos ciclos econômicos são numerosas e variadas, das quais destacam-se: as teorias da superprodução do subconsumo, que explicam os ciclos com base no aumento da produção, dos lucros e dos investimentos, sem o correspondente aumento dos salários e do poder de compra dos consumidores; as teorias monetárias que se baseiam na quantidade de moeda em circulação e nas variações dos níveis das taxas de juros e de investimentos; e as teorias psicológicas cuja argumentação é de que a atividade econômica é influenciada por ondas de pessimismo e de otimismo.

O estudo dos ciclos econômicos está intimamente ligado ao das crises, que podem ser caracterizadas como um momento descontínuo, desastroso, de uma evolução cíclica contínua. O exemplo clássico de grande crise mundial é caracterizado pelo “crack” (quebra) da Bolsa de New York ocorrida em 29 de outubro de 1929. Fato esse, considerado o estopim de uma crise mundial e que foi seguido por uma diminuição do nível da atividade econômica, conhecida como a Grande Depressão, foi tido como a mais grave depressão da história do capitalismo. No Brasil, como a economia era dominada pelo capital mercantil, e havia a predominância de um modelo agrário-exportador, tendo como principal produto o café, a crise internacional de 1929 teve como resultado uma baixa do preço do café. (OLIVEIRA, 2000). Foi somente a partir dos anos 1950, quando o capital industrial passa a ser claramente dominante, que as crises ou as chamadas flutuações cíclicas passam a ter sua origem internamente na economia brasileira, embora possam sofrer também reflexos de crises internacionais.

A primeira crise que ocorre na economia brasileira é a de 1962-1966, com seu ponto mais baixo em 1965. A segunda passa a ocorrer a partir de 1974, após o fim do “milagre” 1967-1973 (agravando-se em 1981). Em ambas as crises, a taxa de crescimento da renda cai verticalmente. Entre 1962 e 1966, o aumento da renda por habitante fica próximo de zero; a partir de 1974, a taxa de crescimento volta a cair substancialmente, mas a manutenção das despesas do Estado, inicialmente através do II Plano Nacional de Desenvolvimento, que logra altas taxas de crescimento para indústria de bens de capital, permite que o nível de atividade econômica se mantenha em um nível razoável, embora inferior ao período imediatamente anterior.

A redução dos investimentos governamentais e a severa contenção dos investimentos públicos, a partir de meados de 1980, entretanto, agrava a situação, de forma que em 1981, as elevadas taxas de desemprego e redução da produção industrial indicaram que o país entrou numa grave recessão. Esse período ficou conhecido como a “década perdida” e culminou com a mudança dos processos produtivos e com uma reformulação no mundo do trabalho (PEREIRA, 2004).

Em setembro de 2008, uma derivação arrastada de uma crise que foi iniciada no começo de 2007, e que teve como gatilho a insolvência parcial do setor de crédito imobiliário americano, vem provocando prejuízos aos investidores no Brasil e no resto do mundo. Essas considerações permitem uma reflexão: são os mercados que provocam as crises ou são as crises que afetam os mercados?

#### **4 Os efeitos da crise financeira de 2008 em Caxias do Sul**

O mercado imobiliário americano passou por uma fase de expansão acelerada logo depois da crise das empresas *ponto com*, em 2001. O Banco Central dos EUA (o *Federal Reserve* – FED) reduziu sua taxa de juros, a fim de baratear empréstimos e financiamentos e encorajar consumidores e empresas a voltarem a gastar.

Segundo o jornal Folha de S. Paulo, de 29/09/2008, no mercado imobiliário, com o cenário dos juros baixos, a procura por imóveis aumentou. Comprar uma casa (ou mais de uma) tornou-se um bom negócio, não só para quem queria adquirir casa própria, mas também para quem procurava em que investir. O mercado de hipotecas também se aqueceu, pois aumentou a procura por novas hipotecas, a fim de usar o dinheiro do financiamento para quitar dívidas e consumir.

As companhias hipotecárias descobriram nessa época um nicho ainda a ser explorado no mercado: o de clientes do segmento *subprime*, caracterizados, de modo geral, pela baixa renda, por vezes com histórico de inadimplência e com dificuldade de comprovar renda. Esse consumidor representa um risco maior de inadimplência que os de outras categorias de crédito, mas, justamente por ser de maior risco, as taxas de retorno são bem mais altas. A promessa de retornos altos atraiu fundos e bancos, que compraram esses títulos *subprime* das companhias hipotecárias, permitindo que uma nova quantia em dinheiro seja emprestada. E, assim sucessivamente, gerando uma cadeia de venda de títulos. Porém, se o tomador, o consumidor *subprime* não consegue pagar sua dívida inicial, ele dá início a um ciclo de não recebimento por parte dos compradores dos títulos. O resultado: todo o mercado passa a ter medo de emprestar e comprar os *subprime*, o que termina por gerar uma crise de liquidez (retração de crédito).

Ao mesmo tempo, a alta nos juros do Banco Central americano encareceu o crédito e afastou os compradores. Com isso, a oferta começou a superar a demanda e, desde então, o que se viu foi uma espiral descendente no valor dos imóveis. Com os juros altos, a inadimplência aumentou, e o temor de novos “calotes” fez o crédito sofrer uma desaceleração expressiva no país como um todo. Sem oferta suficiente de crédito, a economia dos EUA desaqueceu. Com menos liquidez (dinheiro disponível), menos se compra, menos as empresas lucram e menos pessoas são contratadas. No mundo da globalização financeira, créditos gerados nos EUA podem ser convertidos em ativos que vão render juros para investidores na Europa e outras partes do mundo. Por isso o pessimismo influencia os mercados globais, o que gera uma crise de confiança.

O fato de a economia de Caxias do Sul estar intimamente relacionada ao mercado global fez com que os efeitos da crise fossem sentidos de forma mais rápida, em especial pelo setor da indústria de transformação. Para compreender melhor esses efeitos, foram realizadas duas entrevistas com representantes dos setores sindicais. O objetivo foi ouvir de cada segmento – empresários e trabalhadores – suas avaliações sobre a crise e sobre as medidas encontradas por eles para responder a mesma.

Segundo o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Caxias do Sul, Assis de Melo, a sociedade vive “uma crise estrutural profunda do sistema<sup>9</sup>”. A posição de Melo mostra que a crise é do sistema, e a estratégia que o Brasil assumiu, segundo o sindicalista, foi distinta das crises enfrentadas por governos anteriores. É importante entender que as alternativas propostas para o enfrentamento de crises passadas não foram semelhantes, o que mostra a

---

<sup>9</sup> MELO, Assis. Entrevista realizada em abril de 2009 por HERÉDIA, Vânia . Beatriz . Merltotti

maturidade do governo em não utilizar medidas que não deram certo no passado, como o aumento de juros e a diminuição do investimento. Melo afirmou, ainda, que “o país procura uma nova orientação, ou seja, reduzir o juro e ampliar os investimentos. É uma medida totalmente contrária e tem um significado importante para o nosso país”. O aspecto positivo apresentado pelo presidente do Sindicato dos Metalúrgicos sustenta-se na concepção de que o Brasil tem possibilidades de gerar emprego, distribuir renda e sair em melhores condições do que entrou na crise pelo potencial que possui.

Para o Sindicato dos Metalúrgicos, a crise trouxe consigo uma conscientização política de que é necessário lutar pelo emprego, porque os trabalhadores têm a dimensão de que, neste momento, a “questão principal é a luta pelo emprego”. (MELO, 2009). A conscientização nasce no momento em que o trabalhador necessita tomar uma posição que é individual, mas essa posição só tem força se for coletiva.

Dessa maneira, a forma de enfrentar a crise e de minimizar conflitos derivados das medidas do capital, para o sindicato dos trabalhadores foi promover uma discussão econômica, que também fosse uma discussão política sobre as formas de diminuir e amenizar efeitos de ambas as partes. Para a entidade que representa os trabalhadores, a saída pela flexibilização representa “a perda de direitos quando concretamente afeta salários”. (MELO, 2009)

Entretanto, a decisão de flexibilizar temporariamente, como solução pela agudização da crise foi “uma tentativa de garantir o emprego”, sem muitas outras possibilidades no momento. Houve o entendimento de que a saída para a crise deveria ser outra que “não fosse o trabalhador abrir mão de seu salário”. Ainda, a concepção de que a saída deveria ser mais política do que econômica, porque no momento que a discussão é apenas econômica, “os trabalhadores perdem seu poder de barganha, perdem seu poder de mobilização e acabam acarretando perdas”. (MELO, 2009). A negociação que ocorreu entre o sindicato e as empresas foi necessária para evitar um maior número de demissões.

Na visão do representante do sindicato dos metalúrgicos, a negociação trouxe perdas, mas “o trabalhador abriu mão de parte de seu salário para poder garantir o emprego”. A alternativa a essa solução, segundo Melo, seria a constituição de um pacto que defendesse o emprego e promovesse o desenvolvimento, com vistas a gerar mais emprego e maior distribuição de renda. O círculo explicitado pelo representante sindical mostra que se a economia se atrofia e se o governo não investe recursos com vistas a garantir o financiamento, “o trabalhador acaba perdendo renda, [...] retraindo as possibilidades de consumo e retraindo a possibilidade de produção”. (MELO, 2009). A visão de que diminuir salários não resolve o

problema da crise é evidente para os trabalhadores. Entretanto, a crise afetou as negociações no mercado externo, e muitas empresas, por precaução e cautela, resolveram diminuir a produção para ver o movimento do mercado.

Nós queremos dizer que não é com um corte de direito dos trabalhadores que nós vamos enfrentar a crise. O direito dos trabalhadores, a legislação trabalhista nunca foi empecilho para o crescimento econômico desse país, basta ver, se pegarmos os últimos dois anos, três anos atrás, 2006, 2007 e 2008, aonde houve um crescimento econômico e houve um acréscimo do número de trabalhadores com carteira assinada, ou seja, diminuiu a informalidade e cresceu a formalidade. Então, isso demonstra exatamente que a legislação não é que a causa o desemprego não é a que atinge as empresas, o que atinge realmente é a questão econômica, política e social. E dentro dessas questões, nós nos recusaremos a fazer debates que venha no sentido de retirar direitos dos trabalhadores. (MELO, 2009, p. 43).

Na visão do diretor executivo do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul, Odacir Conte, a crise é uma crise de mercado. A saída para as indústrias de Caxias foi utilizar um instrumento que permitiu a flexibilização da jornada de trabalho. Esse instrumento havia sido pensado na convenção do trabalho, assinada entre as empresas e os trabalhadores. A possibilidade de deixar o trabalhador parado com redução de salários foi uma alternativa para minimizar o desemprego. São “22 mil metalúrgicos de 28 empresas, grandes, médias e pequenas, que utilizam a flexibilização [...] senão nós teríamos mais 3.000 trabalhadores desempregados<sup>10</sup>”. Na explicação acerca da convenção, o diretor explica:

A convenção atual possibilita que as empresas utilizem instrumentos, depois de votação, depois de acompanhamento do sindicato. (...) Ela permite que os trabalhadores fiquem em casa cinco dias por mês. Esses cinco dias, se a empresa enxergar logo na frente uma possibilidade de demanda então ela armazena essas horas, uma espécie de banco de horas e depois o trabalhador compensa quando vem a demanda. Se ela não vê essa possibilidade, se ela não vê futuro a curto prazo, ela pode propor, isso está na convenção política, que dos cinco dias, dois dias e meio a empresa remunera e dois dias e meio o trabalhador fica em casa ( CONTE, 2009, p.26. ).

De acordo com Conte (2009), para muitas empresas, o número de dias parados deveria ser maior, já que a previsão na convenção é de até cinco dias por mês, e essa medida não resolveria a situação. A discussão feita entre ambos os sindicatos, com vistas a propor estratégias que atendessem as duas categorias, definiu que “para algumas empresas é muito pouco. Elas precisariam mais do que cinco dias. Então nós procuramos o sindicato para ampliar essa cláusula, fazer uma espécie de um adendo, um aditivo à convenção atual”. (CONTE, 2009). A visão das indústrias apontou para a importância de não perder profissionais capacitados que as empresas qualificaram e que em uma situação de

---

<sup>10</sup> CONTE, Odacir. Entrevista realizada em abril de 2009 por HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti

instabilidade, poderiam acabar saindo. Segundo o representante das indústrias, recuperar posteriormente essa mão-de-obra qualificada passaria a ser um problema.

A percepção da crise em Caxias do Sul não é unânime por parte dos agentes que participam do setor produtivo do município. Porém, empregadores e trabalhadores concordaram em flexibilizar a jornada de trabalho, como uma solução emergencial para o problema, por entenderem que o trabalho é um valor importante para esta região e que essa medida reduziria os prejuízos. Na próxima seção, o artigo faz uma análise com base nos dados RAIS/CAGED para verificar, em números, como se comportou o mercado de trabalho na indústria de transformação de Caxias do Sul à luz do contexto da crise econômica mundial.

## **5 Caracterização de Caxias do Sul e do mercado de trabalho**

O Município de Caxias do Sul, localizado na Região Nordeste do Rio Grande do Sul, é uma cidade de porte médio que abriga o segundo pólo metal-mecânico do estado, com uma população de 399.038 habitantes (IBGE, 2009), um PIB de R\$ 8,422 bilhões (IBGE, 2009) e um PIB *per capita* de R\$ 20.838,00. Esse município conta com um orçamento de R\$ 611,75 milhões e a arrecadação do ICM de R\$ 431,76 milhões. Além de ser conhecido pela expressão marcante de seu pólo industrial, é considerado pólo regional de serviços quando se destaca pela oferta de serviços na área de educação, de saúde, de comércio especializado, de estabelecimentos financeiros.

A presente pesquisa utiliza a base de dados disponíveis no Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (PDET), que tem por objetivo divulgar informações oriundas da Relação Anual de Informações Sociais RAIS do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados CAGED, à sociedade civil. (CAGED, 2009). Inicialmente, para o recorte de estudo, foi selecionado o Município de Caxias do Sul, e o subsetor do IBGE denominado Indústria de Transformação, no mês de setembro de 2008, por este ser considerado "o início" da crise, e o mês de março de 2009 por esse ser considerado, para o Brasil, o mês da "recuperação" na criação de novos postos de trabalho.

As variáveis selecionadas foram: os Admitidos (refere-se ao registro de primeiro emprego, reemprego e transferência entrada), os Desligados (refere-se aos demitidos sem justa causa, por justa causa, desligados a pedido, aposentados que morreram e transferência saída), e o Saldo (refere-se aos Admitidos menos os Desligados, isto é, criação de Novos Postos de Trabalho).

A Tabela 1 (todas as tabelas estão em anexo) apresenta os trabalhadores desligados nos meses de setembro/08 e março/09 na indústria de transformação de Caxias do Sul estratificados por nível de escolaridade. Observa-se que, em março/09, o número de trabalhadores desligados é 4.098, o que representa um acréscimo de 1.040 (34%) em relação a setembro/08. Comparando-se as variações percentuais por níveis de escolaridade, percebe-se que as maiores variações ocorrem entre analfabetos (250%), superior completo, (111%) médio completo (45%) e fundamental completo, (38%). Todavia, é preciso observar que, em números absolutos, os analfabetos representam uma parcela pequena dos desligados. Os dados dessa tabela sugerem que, comparativamente à variação total (34%), os mais afetados são os trabalhadores com mais escolaridade, e, dentre estes, os com nível de escolaridade superior completo.

A Tabela 2 apresenta os trabalhadores admitidos nos meses de setembro/08 e março/09, na indústria de transformação de Caxias do Sul, também estratificados por nível de escolaridade. Verifica-se que, em março/09, o número de trabalhadores admitidos é 1.972, o que representa um decréscimo de 1.789 (-48%), em relação a setembro/08. De fato, excetuando-se os analfabetos, todos os demais trabalhadores – independentemente do nível de escolaridade – tiveram uma variação negativa nos percentuais de admissões. Comparando-se as variações percentuais por níveis de escolaridade, percebe-se que as menores variações ocorrem entre os analfabetos (0%), superior completo (-33%), superior incompleto (-35%) e médio incompleto (-38%). Os dados da tabela sugerem que os menos afetados foram os trabalhadores com maiores níveis de escolaridade.

A Tabela 3 relaciona a criação de novos postos de trabalho em setembro/08 por nível de escolaridade. Verifica-se que, em setembro/08, ocorreu a criação de 703 novos postos de trabalho, na indústria de transformação de Caxias do Sul. A maior parte, 336 (47,8%) foi destinada a trabalhadores com Ensino Médio completo, seguidos de 128 (18,2%) com o Ensino Fundamental completo. Os analfabetos e os trabalhadores com o Ensino Fundamental incompleto respondem proporcionalmente a menor criação de novos postos. Em um nível intermediário, destaca-se a criação de 42 (6%) novos postos para o superior completo e 41 (5,8%) para o superior incompleto.

A Tabela 4 relaciona a criação de novos postos de trabalho em março/09 por nível de escolaridade. Verifica-se que, em março de 2009, houve a redução de 2.126 postos de trabalho, na indústria de transformação de Caxias do Sul. A maior parcela dessa redução, 752 (35,4%) foi de trabalhadores com Ensino Médio completo, seguida de 680 (32,0%) de

trabalhadores com fundamental completo. Observa-se, portanto, que o nível de escolaridade que apresentou o saldo mais negativo, em termos de criação de novos postos de trabalho, foi o grau de instrução intermediário.

A Tabela 5 mostra o total de trabalhadores desligados, na indústria de transformação de Caxias do Sul, nos meses de setembro/08 e março/09, estratificados por sexo. Observa-se que, em março/09, o número de trabalhadores desligados é 4.098, o que representa um acréscimo de 1.040 (34%) em relação a setembro/08. Comparando-se as variações percentuais por sexo percebe-se que a maior variação, 798 (40%), ocorre entre o sexo masculino. Os dados dessa tabela sugerem que, comparativamente à variação total (34%), os mais afetados são os trabalhadores do sexo masculino. No entanto, deve-se notar que a maior parcela dos trabalhadores na indústria de transformação é do sexo masculino.

A Tabela 6 mostra o total de trabalhadores admitidos na indústria de transformação de Caxias do Sul, nos meses de setembro/08 e março/09, estratificados por sexo. nota-se que, em março/09, o número de trabalhadores admitidos é 1.972, o que representa um decréscimo de 1.789 (-48%) em relação a setembro/08, para ambos os sexos. Contudo, as mulheres trabalhadoras, proporcionalmente, tiveram um menor decréscimo nas contratações. Cabe ressaltar, mais uma vez que, na comparação entre o número total de admitidos nos dois meses, os homens representam, em números absolutos, as maiores contratações.

A Tabela 7 mostra a criação de novos postos de trabalho em setembro/08 estratificados por sexo. Observa-se que, em setembro/08, ocorreu a criação de 703 novos postos de trabalho na indústria de transformação de Caxias do Sul. A maior parte, 357 (50,8%), foi destinada a trabalhadores do sexo feminino. Observa-se uma leve tendência de crescimento da força de trabalho feminina na indústria de transformação de Caxias do Sul.

A Tabela 8 mostra a criação de novos postos de trabalho em março/09, estratificados por sexo. Verifica-se que, em março/2009 houve a redução de 2.126 postos de trabalho, na indústria de transformação de Caxias do Sul. A maior parcela destes, 1.630 (76,7), foi de trabalhadores do sexo masculino. Assim, novamente, o saldo foi menos negativo para os trabalhadores do sexo feminino. Os dados permitem inferir, como já apontado nos comentários referentes à Tabela 7, um maior crescimento da participação da mulher na indústria de transformação. Na criação de novas vagas no mercado de trabalho, ambos os sexos sofreram reduções, no entanto, foram as mulheres as que menos perderam.

Além das análises por nível de escolaridade e por sexo, a pesquisa buscou dados que relacionassem a faixa etária dos desligados e admitidos no período em questão. Nesse sentido, a Tabela 9 mostra o número de trabalhadores desligados, a diferença e a variação por faixa etária nos meses de setembro/08 e março/09. Analisando-se os dados mostrados, pode-se observar que a maior variação percentual ocorreu na faixa etária de 65 anos ou mais (550%), seguida da faixa de 50 a 64 anos (132%). Esses valores elevados podem, em parte, ser justificados, provavelmente, pelos desligamentos por aposentadoria. Contudo, os números absolutos mostram que as maiores diferenças ocorrem na faixa etária de 30-39 anos (340), seguida da faixa etária dos 25-29 anos (206). As demissões de trabalhadores com idade nessas faixas causam maiores impactos sociais e econômicos. Note-se que a idade média do grupo de trabalhadores admitido em setembro/08 é de 29,1 anos, enquanto em março/09 é de 30,6 anos. Embora pequena, essa diferença é significativa [ $z = - 6,69$ ;  $p < 0,01$ ]<sup>11</sup>. Levanta-se aqui outra questão: seria essa diferença um indicativo de que o mercado de trabalho tenderia a desligar trabalhadores mais velhos?

A Tabela 10 apresenta os trabalhadores admitidos por faixa etária, o que permite analisar a variação nas admissões entre março/09 e setembro/08. nota-se que houve uma retração de 48% no total de admitidos. A menor retração, em valores percentuais, ocorreu na faixa de 50 a 64 anos (-19%) e a maior foi na faixa de 25 a 29 anos (-59%). Pode se inferir que as empresas, em março, optaram por contratar trabalhadores com mais experiência. No entanto, destaca-se o fato de que, na faixa etária de até 17 anos, houve um incremento expressivo (52%) nas admissões. De modo geral, a idade média dos trabalhadores admitidos em setembro/08 era de 28,2 anos, enquanto em março/09 era de 28,0 anos. Diferentemente do exposto na análise anterior, a pequena diferença agora não é significativa [ $z = 0,65$ ;  $p = 0,52$ ].

A Tabela 11 mostra a criação de novos postos de trabalho em setembro de 2008, estratificados por faixa etária. Verifica-se que, no mês de análise foram criados 703 novos postos de trabalho, sendo 411 (58,5%) para jovens na faixa etária de 18 à 24 anos, seguidos de 121 (17,2% ) na faixa de 30 a 39 anos. Observa-se uma preferência por empregar jovens trabalhadores. Depreende-se dos dados que 561 (79,8%) dos novos postos de trabalho na indústria de transformação foram abertos para trabalhadores com menos de 30 anos.

A Tabela 12 mostra a criação de novos postos de trabalho em março/09, estratificados por faixa etária. A partir dos dados dessa tabela, verifica-se que, no mês de março/09 foram

---

<sup>11</sup> Note-se que o teste de diferenças de média aqui utilizado é feito sobre os valores de classe (agregados) e não sobre os dados individuais, o que prejudicada (mas não inviabiliza) a análise.

fechados 2.126 postos de trabalho, sendo 617 (29,0%) para trabalhadores na faixa etária de 30 à 39 anos, seguido de 573 (27,0%) na faixa entre 25 e 29 anos e 589 (27,7%) na faixa entre 18 e 24 anos. Desse modo, 1779 (83,6%) dos postos de trabalho fechados estão na faixa dos 18 aos 39 anos. A "recuperação", se assim se pode dizer, parece estar se dando com os trabalhadores jovens, pois essa foi a única faixa etária que teve saldo positivo na variação de postos de trabalho.

A Tabela 13, mostra o número de desligamentos nos meses de setembro/08 e março/09, estratificados por faixa de renda (em salários-mínimos). A partir dos dados, observa-se que a faixa de renda com maior variação é daqueles trabalhadores que tinham salário de 10,1 a 15 salários mínimos (255%), seguida dos trabalhadores com salário entre 7,01 e 10,0 s.m. (177%). A faixa com menor variação foi a de até 0,5 s. m. (-33%), seguida da faixa de 1,51 a 2,0 s.m. (14%) e da faixa de 1,01 a 1,5 s.m. (27%). Note-se que o salário médio do trabalhador desligado em setembro/08 é de 2,23 s.m., enquanto em março/09 é de 2,39 s.m. Embora pequena, essa diferença é significativa [ $z = -4,11$ ;  $p < 0,01$ ], sugerindo uma leve tendência do mercado de trabalho em desligar trabalhadores com salário maior.

Sobre os admitidos, observa-se um crescimento maior nos trabalhadores com salários até 0,5 s.m. 371%, seguidos dos salários de 0,51 a 1,0, com 116%, e pelos com salários de 10,01 a 15,0, os que menos foram admitidos foram os com salário de 1,51 a 2,0, -73%, seguidos pelos com salário de 4,01 a 5,0, -72%. Note-se que o salário médio do trabalhador admitido em setembro/08 é de 2,02 s.m., enquanto em março/09 é de 1,80 s.m. A diferença é significativa [ $z = 5,06$ ;  $p < 0,01$ ], sugerindo a tendência do mercado de trabalho em admitir trabalhadores com salário menor.

A Tabela 15 apresenta o saldo na criação de novos postos de trabalho comparativamente aos meses de setembro/08 e março/09, estratificados por faixa de renda. No mês de setembro de 2008, foram criados 703 novos postos de trabalho. A faixa de renda que mais criou postos de trabalho foi a de 1,01 a 1,5 salários mínimos, com 69,3%, seguida pela faixa de 1,51 a 2,0. A redução mais significativa ficou na faixa de 2,01 a 3,0 com uma redução de 11,5%. Os dados apresentados na Tabela 15 indicam que a criação de novos postos de trabalho ocorreu para trabalhadores de menor faixa de rendimento.

A Tabela 16 apresenta a criação de novos postos de trabalho por faixa de salário em março de 2009 medido em salário mínimo. No mês de março de 2009, houve uma retração nos postos de trabalho. As faixas de renda mais impactadas foram a de 3,01 a 4,0 (12,4%),

seguida por 1,51 a 2,0 (31,2%) e por 2,01 a 3,0 (42,0%). Nota-se, no entanto, que as únicas faixas de renda que tiveram aumento real de postos de trabalho foram as de até 1,0 s.m.

## **6 Considerações finais**

A crise do mercado capitalista, conforme visto nas seções 2 e 3 deste artigo, representa um movimento permanente do sistema capitalista globalizado. Países com capitalismo periférico tendem a sofrer os impactos desta crise. Contudo, observou-se, no caso do Brasil, uma tentativa de responder aos impactos de modo positivo, porque os fundamentos econômicos apresentavam mais solidez no que se refere à credibilidade econômica, aos baixos índices inflacionários, à manutenção de uma política cambial estável, aos investimentos estatais em setores estratégicos, como a indústria e a construção civil, entre outras medidas.

O Município de Caxias do Sul, devido às suas peculiaridades econômicas, sofreu de forma mais rápida os impactos da crise. A escolha em observar o comportamento do mercado de trabalho, tendo como foco a indústria de transformação, permitiu analisar como este subsetor econômico, diretamente vinculado ao mercado internacional, se comportou diante da escassez de demanda desse mercado. Já em setembro de 2008, foi possível constatar o início de demissões, que avolumaram-se nos meses seguintes até chegar ao mês de março. Com relação ao perfil dos trabalhadores mais afetados, percebe-se a tendência a uma polarização: tanto analfabetos e com fundamental, quanto no ensino superior completo, foram os mais afetados.

A crise afetou a quantidade de postos de trabalho, mas também influenciou na qualidade. Apesar das variações apresentarem saldos negativos de criação de novos postos, em termos de escolaridade, os novos contratados tendem a apresentar maior qualificação.

Outro fator observado é que a criação de novos postos, em números absolutos, no setor, ainda é preponderantemente masculina. Mas, proporcionalmente, os homens perderam mais postos de trabalho do que as mulheres. Pode-se inferir uma tendência à substituição da mão-de-obra masculina pela feminina, o que não é novidade em momentos de crises sistêmicas do capitalismo. Ao que tudo indica, as trabalhadoras (mulheres) apresentam mais escolaridade, o que não significa que recebam melhores remuneração. Tendo em vista um maior crescimento na participação da mulher na indústria de transformação, infere-se que, possivelmente seja por se tratar de uma mão de obra mais qualificada, porém mais barata.

Outra observação importante que pode estar associada aos efeitos da crise foi a redução do salário médio dos trabalhadores. Enquanto no mês de setembro/08 o salário médio

do trabalhador desligado era de 2,23 salários mínimos, em março passou para 2,39 salários mínimos. Assim, houve uma tendência a desligar trabalhadores com salários maiores.

No indicador que mostra o número de trabalhadores desligados por faixa etária observa-se a tendência de desligamento dos trabalhadores com mais idade, possivelmente aqueles que possuem uma renda maior, seja por tempo de serviço e/ou qualificação. Por outro lado, os que têm até 17 anos, possivelmente contratados como aprendizes, obtiveram um incremento positivo nas admissões. Verifica-se, de forma geral, que há nitidamente uma preferência por trabalhadores com até 30 anos, os trabalhadores nessa faixa etária foram os únicos a ter saldo positivo na variação de postos de trabalho e, com relação à renda auferida, são os que se encontram entre as faixas de menor a médio rendimento.

Outro fato que evidencia essa tendência refere-se à criação de novos postos de trabalho, voltados mais para os trabalhadores que recebem até 1,0 salário mínimo. Desse modo, uma das conclusões da pesquisa é que um dos efeitos negativos da crise para o mercado de trabalho de Caxias do Sul, foi a diminuição dos salários na indústria de transformação. Enquanto em setembro/08 o salário médio era 2,02, em março/09 foi de 1,8, o que representou uma variação negativa de 20%.

A crise não afetou somente a criação de novos postos, mas também contribuiu para a mudança das características dos novos postos de trabalho. De setembro/08 para março/09, o mercado de trabalho, na indústria de transformação de Caxias do Sul, mostra as seguintes alterações: os trabalhadores passam a ser mais escolarizados, mais jovens, com menores remunerações e com uma tendência ao aumento da mão-de-obra feminina.

### **Referências**

CAGED. Cadastro geral de empregos e desempregos. Disponível em: [www.mte.gov.br](http://www.mte.gov.br). Acesso em: 05 de maio de 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 05 de maio de 2009.

CONTE, Odacir. Entrevista pessoal, realizada em abril de 2009 por HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti.

MELO, Assis. Entrevista pessoal, realizada em abril de 2009 por HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti.

MELLO, João Manuel Cardoso de. **O capitalismo tardio** – São Paulo: Brasiliense, 1990.

OLIVEIRA, M. F. M. Crises e ciclos e evolução do capitalismo. In: OLIVEIRA Marcos Fábio Martins de, RODRIGUES, Luciene. (Org.). **Capitalismo**: da gênese à crise atual. 2. ed. Montes Claros: UNIMONTES, 2000. v.1.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser, **Desenvolvimento e Crise no Brasil 1930-1983** – São Paulo Editora brasiliense, 2004.

POCHMANN, Márcio. **O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século**. São Paulo: Contexto, 2002 .

POCHMANN, Márcio. **O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu**. São Paulo: Boitempo, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A globalização e as ciências sociais**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento econômico**. São Paulo: Atlas, 1993.

WALLERSTEIN, I. **Após o liberalismo: em busca da reconstrução do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

## ANEXO

Tabela 1 - Trabalhadores desligados por nível de escolaridade

Indústria de transformação	Desligados		Varição (%)
	Set./08	Mar./09	Mar./09 a set./08
Analfabeto	2	7	250
Até 5ª série incompleta	43	52	21
5ª série completa (Ens. Fundamental)	66	85	29
6ª a 9ª série completa (Ens. Fundamental)	431	487	13
Ens. Fundamental completo	778	1.073	38
Ens. Médio incompleto	439	503	15
Ens. Médio completo	1.024	1.489	45
Ens. Superior incompleto	203	250	23
Ens. Superior completo	72	152	111
Total	3.058	4.098	34%

Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, disponível em CAGED, 2009.

Tabela 2 - Trabalhadores admitidos e nível de escolaridade

Indústria da transformação	Admitidos		Varição %
	Set./08	Mar./09	Mar./09 a set./08
Analfabeto	5	5	0%
Até 5ª série incompleta	53	22	-58%
5ª série completa (Ens. Fundamental)	74	41	-45%
6ª a 9ª série completa (Ens. Fundamental)	460	203	-56%
Ens. Fundamental completo	906	393	-57%
Ens. Médio incompleto	545	337	-38%
Ens. Médio completo	1.360	737	-46%
Ens. Superior incompleto	244	158	-35%
Ens. Superior completo	114	76	-33%
Total	3.761	1.972	-48%

Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, disponível em CAGED, 2009.

Tabela 3 - Novos postos de trabalho por nível e escolaridade em setembro

Indústria de transformação	Novos postos de trabalho	
	Set./08	%
Analfabetos	3	0,4
Até 5ª série incompleta	10	1,4
5ª série completa (Ens. Fundamental)	8	1,1
6ª a 9ª série completa (Ens. Fundamental)	29	4,1
Ens. Fundamental completo	128	18,2
Ens. Médio incompleto	106	15,1
Ens. Médio completo	336	47,8
Ens. Superior incompleto	41	5,8
Ens. Superior completo	42	6
Total	703	100

Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, disponível em CAGED, 2009.

Tabela 4 - Criação de postos de trabalho por nível de escolaridade em março/09

Indústria de transformação	Novos postos de trabalho	
	Mar/09	%
Analfabetos	-2	0,1
Até 5ª série incompleta	-30	1,4
5ª série completa (Ens. Fundamental)	-44	2,1
6ª a 9ª série completa (Ens. Fundamental)	-284	13,4
Ens. Fundamental completo	-680	32
Ens. Médio incompleto	-166	7,8
Ens. Médio completo	-752	35,4
Ens. Superior incompleto	-92	4,3
Ens. Superior completo	-76	3,6
Total	-2.126	100

Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, disponível em CAGED, 2009.

Tabela 5 - Trabalhadores desligados e classificação por sexo

Indústria da Transformação	Desligados		Variação %
	set./08	mar./09	mar./09 a set./08
Masculino	1.973	2.771	40%
Feminino	1.085	1.327	22%
Total	3.058	4.098	34%

Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, disponível em CAGED, 2009.

Tabela 6 - trabalhadores admitidos por sexo

Indústria de transformação	Admitidos		Variação %
	set./08	mar. /09	mar./09 a set./08
Masculino	2.319	1.141	-51%
Feminino	1.442	831	-42%
Total	3.761	1.972	-48%

Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, disponível em CAGED, 2009.

Tabela 7 - Criação de novos postos de trabalho conforme o sexo

Indústria de transformação	Novos postos de trabalho	
	Set/08	%
Masculino	346	49,2
Feminino	357	50,8
Total	703	100

Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, disponível em CAGED, 2009.

Tabela 8 - Criação de novos postos de trabalho conforme o sexo

Indústria de transformação	Novos postos de trabalho	
	mar./09	%
Masculino	-1.630	76,7
Feminino	-496	23,3
Total	-2.126	100

Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, disponível em CAGED, 2009.

Tabela 9 - Trabalhadores desligados por faixa etária

Indústria de transformação	Desligados			
	set./08	mar./09	mar./09 a set./08	
			Diferença	Variação
Até 17	67	75	8	12%
18 a 24	1.123	1.329	206	18%
25 a 29	743	904	161	22%
30 a 39	679	1.019	340	50%
40 a 49	345	528	183	53%
50 a 64	99	230	131	132%
65 ou mais	2	13	11	550%
Total	3.058	4098	1040	34%

Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, disponível em CAGED, 2009.

Tabela 10 - Trabalhadores admitidos por faixa etária

Indústria de Transformação	Admitidos		Variação %
	set/08	mar/09	mar/09 a set/08
Até 17	145	220	52%
18 a 24	1.534	740	-52%
25 a 29	815	331	-59%
30 a 39	800	402	-50%
40 a 49	369	203	-45%
50 a 64	93	75	-19%
65 ou mais	4	1	-75%
Ignorado	1	0	-100%
Total	3.761	1.972	-48%

Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, disponível em CAGED, 2009.

Tabela 11 - Criação de novos postos de trabalho por faixa etária

Indústria de transformação	Novos Postos de Trabalho	
	set./08	%
Até 17	78	11,1
18 a 24	411	58,5
25 a 29	72	10,2
30 a 39	121	17,2
40 a 49	24	3,4
50 a 64	-6	-0,9
65 ou mais	2	0,3
Ignorado	1	0,1
Total	703	100

Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, disponível em CAGED, 2009.

Tabela 12: Criação de novos postos de trabalho por faixa etária

Indústria de transformação	Novos postos de trabalho	
	mar./09	%
Até 17	145	-6,8
18 a 24	-589	27,7
25 a 29	-573	27
30 a 39	-617	29
40 a 49	-325	15,3
50 a 64	-155	7,3
65 ou mais	-12	0,6
Ignorado	0	0
Total	-2.126	100

Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, disponível em CAGED, 2009.

Tabela 13 - Trabalhadores desligados por faixa salarial (em salários mínimos)

Indústria de transformação	Desligados		Variação %
	set./08	mar./09	mar./09 a set/08
Até 0,5	15	10	-33%
0,51 a 1,0	41	97	137%
1,01 a 1,5	939	1.191	27%
1,51 a 2,0	861	984	14%
2,01 a 3,0	744	1.111	49%
3,01 a 4,0	262	349	33%
4,01 a 5,0	83	127	53%
5,01 a 7,0	64	103	61%
7,01 a 10,0	26	72	177%
10,01 a 15,0	11	39	255%
15,01 a 20,0	4	7	75%
Mais de 20,0	6	6	0%
Ignorado	2	2	0%
Total	3.058	4.098	34%

Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, disponível em CAGED, 2009.

Tabela 14 - Trabalhadores admitidos por faixa salarial (em salários mínimos)

Indústria de transformação	Admitidos		Variação
	set/08	mar/09	mar/09 a set/08
Até 0,5	14	66	371%
De 0,51 a 1,0	75	162	116%
De 1,01 a 1,5	1.426	1.022	-28%
De 1,51 a 2,0	1.176	320	-73%
De 2,01 a 3,0	663	219	-67%
De 3,01 a 4,0	196	85	-57%
De 4,01 a 5,0	97	27	-72%
De 5,01 a 7,0	57	37	-35%
De 7,01 a 10,0	34	13	-62%
De 10,01 a 15,0	12	13	8%
De 15,01 a 20,0	4	2	-50%
Mais de 20,0	4	3	-25%
Ignorado	3	3	0%
Total	3.761	1.972	-48%

Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, disponível em CAGED, 2009.

Tabela 15: Criação de novos postos de trabalho por faixa salarial (em salários mínimos)

Indústria de transformação	Novos postos de trabalho	
	set./08	%
Até 0,5	-1	-0,1
De 0,51 a 1,0	34	4,8
De 1,01 a 1,5	487	69,3
De 1,51 a 2,0	315	44,8
De 2,01 a 3,0	-81	-11,5
De 3,01 a 4,0	-66	-9,4
De 4,01 a 5,0	14	2
De 5,01 a 7,0	-7	-1
De 7,01 a 10,0	8	1,1
De 10,01 a 15,0	1	0,1
De 15,01 a 20,0	0	0
Mais de 20,0	-2	-0,3
Ignorado	1	0,1
Total	703	100

Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, disponível em CAGED, 2009.

Tabela 16 - Criação de novos postos de trabalho por faixa salarial (em salários mínimos)

Indústria de transformação	Novos postos de trabalho	
	Mar-09	%
Até 0,5	56	-2,6
De 0,51 a 1,0	65	-3,1
De 1,01 a 1,5	-169	7,9
De 1,51 a 2,0	-664	31,2
De 2,01 a 3,0	-892	42
De 3,01 a 4,0	-264	12,4
De 4,01 a 5,0	-100	4,7
De 5,01 a 7,0	-66	3,1
De 7,01 a 10,0	-59	2,8
De 10,01 a 15,0	-26	1,2
De 15,01 a 20,0	-5	0,2
Mais de 20,0	-3	0,1
Ignorado	1	0
Total	-2.126	100

Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, disponível em CAGED, 2009.

**Universidade de Caxias do Sul**

Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais

- 030 – mar. 2009 –** Empresas transnacionais e os investimentos estrangeiros diretos: uma análise comparativa entre os países selecionados a partir dos anos 90  
**Janete Pezzi – DECE/UCS, Divanildo Triches – IPES/UCS/PPGE/UNISINOS**
- 031 – abr. 2009 –** Análise do desempenho das exportações brasileiras de açúcar e as restrições da União Européia a partir de 1995  
**Divanildo Triches – IPES/UCS/PPGE/UNISINOS; Soraia Santos da Silva DECE/UCS**
- 032 – maio. 2009 –** Reflexões sobre as barreiras não tarifárias às exportações na cadeia de carne bovina brasileira  
Sheila Zardo da Silva – UCS **Divanildo Triches – IPES/UCS/PPGE/UNISINOS; Guilherme Malafaia – PPGA/UCS**
- 033 – jun. 2009 –** Mercado acionário e o desempenho dos ativos financeiros no Brasil com a análise técnica  
**Anderson de Paula – UNISINOS, Divanildo Triches – IPES/UCS/PPGE/UNISINOS**
- 033 – jun. 2009 –** Mercado acionário e o desempenho dos ativos financeiros no Brasil com a análise técnica  
**Anderson de Paula – UNISINOS, Divanildo Triches – IPES/UCS/PPGE/UNISINOS**
- 034 – jul. 2009 –** As alterações do mercado de trabalho na indústria de transformação em Caxias do Sul após a crise financeira de 2008  
Adalberto Ayjara Dornelles Filho – CCET-UCS; David Gustavo Dalponte - Observatório do Trabalho-UCS; Lodonha Maria Portela Coimbra Soares – CECI-UCS; Luciane Sgarbi S. Grazziotin – CEFÉ-UCS; Moisés Waismann – CECI-UCS; Natalia Pietra Méndez – CECH-UCS; Vânia Beatriz Merlotti Herédia - CECH-UCS